

JORNADAS DE EXPERIÊNCIAS

Queridas amigas e queridos amigos, peregrinos e visitantes do Parque de Punta de Vacas:

Gostaria de tocar o núcleo principal destas jornadas, que está dado pela Reconciliação como experiência espiritual profunda. Mas sei que me saberão perdoar se fizer uma digressão, postergando o tema por uns minutos, a fim de ambientar esta situação um tanto extraordinária que estamos a viver.

Só por quatro vezes, em quase quarenta anos, é que nos comunicámos publicamente a partir daqui, a partir desta desolada paragem montanhosa. A primeira vez que o fizemos foi em 1969. E hoje vemos umas estelas gravadas em diferentes idiomas que recordam o que foi dito naquela oportunidade. Ali está a síntese de um sistema de pensamento e acção que se foi expressando de distintas maneiras, em distintos tempos e em distintos lugares do mundo. Naquela época, falou-se das diferenças que existiam entre a dor física e o sofrimento mental. E considerou-se a Justiça e a Ciência, totalmente dedicadas ao progresso das sociedades, como os únicos caminhos para mitigar e fazer retroceder a dor dos nossos corpos. Porém, ocorria com o sofrimento mental, diferente da dor física, que não se podia fazê-lo desaparecer pelo simples concurso da Justiça e da Ciência. O empenho contínuo aplicado em fazer avançar a Ciência e a Justiça nas sociedades humanas dignificava as melhores causas. Do mesmo modo, ao tratar de vencer o sofrimento mental, fazia-se um esforço tão importante como o aplicado em vencer a dor. Desde então, predicamos que os esforços para superar a dor e o sofrimento são os mais dignos esforços da empresa humana.

Com centenas de milhar de amigos íntimos, entregámo-nos à tarefa de humanizar a Terra. O que foi para nós “Humanizar a Terra”? Foi pôr como valor máximo a liberdade humana e como máxima prática social a não-discriminação e a não-violência. Ao tratar de humanizar a Terra, não nos excluíamos das obrigações que reclamávamos a outros. De facto, impunhamo-nos como norma de conduta a exigência de tratar os outros como queríamos ser tratados. Agora, propusemo-nos fazer uma pausa no caminho da humanização para reflectir sobre o sentido da nossa existência e das nossas acções. Peregrinámos até esta paragem desolada procurando a Força que alimente a nossa vida, procurando a Alegria do fazer e procurando a Paz mental necessária para progredir neste mundo alterado e violento. Nestas Jornadas estamos a rever as nossas vidas, as nossas esperanças e também os nossos fracassos, a fim de limpar a mente de toda a falsidade e contradição. Ter a oportunidade de rever aspirações e frustrações é uma prática que, ainda que fosse por uma só vez na vida, deveria efectuar todo aquele que procura avançar no seu desenvolvimento pessoal e na sua acção no mundo. Estes são dias de inspiração e reflexão. Estes são dias de Reconciliação. Reconciliação sincera connosco mesmos e com aqueles que nos magoaram. Nessas relações dolorosas que temos padecido não estamos a tratar de perdoar nem de ser perdoados. Perdoar exige que uma das partes se ponha numa altura moral superior e que a outra parte se humilhe diante de quem perdoa. E é claro que o perdão é um passo mais avançado do que o da vingança, mas não é tanto como o da reconciliação.

Também não estamos a tratar de esquecer os agravos que tenham ocorrido. Não se trata de tentar a falsificação da memória. Aqui trata-se de compreender o que aconteceu para entrar no passo superior de reconciliar. Nada de bom se consegue pessoal ou socialmente com o esquecimento ou o perdão. Nem esquecimento nem perdão!, porque a mente deve ficar fresca e atenta sem dissimulações nem falsificações. Estamos a considerar agora o ponto mais importante da Reconciliação, que não admite adulterações. Se é certo que procuramos a reconciliação sincera connosco mesmos e com aqueles que nos magoaram intensamente, é porque queremos uma transformação profunda da nossa vida. Uma transformação que nos tire do ressentimento em que, em suma, ninguém se reconcilia com ninguém e nem sequer consigo mesmo. Quando chegamos a compreender que no nosso interior não habita um inimigo, mas sim um ser cheio de esperanças e de fracassos, um ser em que vemos, numa curta sucessão de imagens, momentos belos de plenitude e momentos de frustração e

ressentimento. Quando chegamos a compreender que o nosso inimigo é um ser que também viveu com esperanças e fracassos, um ser em que houve belos momentos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento, estaremos a pôr um olhar humanizador sobre a pele da monstruosidade.

Este caminho para a reconciliação não surge espontaneamente, do mesmo modo que não surge espontaneamente o caminho para a não-violência. Porque ambos requerem uma grande compreensão e a formação de uma repugnância física em relação à violência.

Não seremos nós que julgaremos os erros, próprios ou alheios; para isso, estará a retribuição humana e a justiça humana e será a altura dos tempos que exercerá o seu domínio, porque eu não quero julgar-me nem julgar... quero compreender em profundidade para limpar a minha mente de todo o ressentimento.

Reconciliar não é esquecer nem perdoar, é reconhecer tudo o que aconteceu e é propor-se sair do círculo do ressentimento. É passear o olhar, reconhecendo os erros em si mesmo e nos outros. Reconciliar em si mesmo é propor-se não passar pelo mesmo caminho duas vezes, mas sim dispor-se a reparar duplamente os danos produzidos. Porém, é claro que não podemos pedir àqueles que nos ofenderam que reparem duplamente os danos que nos causaram. Contudo, é uma boa tarefa fazer-lhes ver a cadeia de prejuízos que vão arrastando nas suas vidas. Ao fazer isto, reconciliamo-nos com quem tenhamos antes sentido como um inimigo, ainda que isto não logre que o outro se reconcilie connosco, mas isso já é parte do destino das suas acções sobre as quais não podemos decidir.

Estamos a dizer que a reconciliação não é recíproca entre as pessoas e também que a reconciliação consigo mesmo não traz como consequência que outros saiam do seu círculo vicioso, ainda que se possam reconhecer os benefícios sociais de semelhante postura individual.

O tema da reconciliação tem sido central nas nossas jornadas, mas certamente que teremos logrado muitos outros avanços profundos ao peregrinar fisicamente numa paisagem desconhecida que terá despertado paisagens profundas. E isto será sempre possível se o Propósito que nos fizer peregrinar for uma disposição para a renovação, ou melhor ainda, uma disposição para a transformação da própria vida.

Nestes dias, passámos revista às situações que consideramos mais importantes na nossa vida. Se localizámos esses momentos e passeámos por eles a reconciliação, limpando os ressentimentos que nos atam ao passado, teremos feito uma boa peregrinação até à fonte da renovação e da transformação.

Não esqueçamos as pequenas frases que surgiram no nosso interior, não esqueçamos as ocorrências que nos chegaram subitamente, não deixemos de anotar algumas verdades que conseguimos vislumbrar porque as vimos dançar brevemente durante o nosso caminhar ou porque as vimos nos nossos sonhos reparadores após a nossa peregrinação. Estas frases, estas ocorrências e estas verdades dançarinas são inspirações que estamos prontos para agradecer e são inspirações que nos convidam a ir mais longe nas nossas experiências não apenas de reconciliação, mas também de superação das contradições, das debilidades e dos temores.

Faço votos para que as buscas e os encontros nos inflamem e nos motivem muito profundamente.

Para terminar, devo dizer que reconheço e quero partilhar com todos esta situação, que é similar àquela que descrevemos numa das nossas Experiências Guiadas: "(...) Regresso ao mundo com a fronte e as mãos luminosas. Assim, pois, aceito o meu destino. Ali estão o caminho e eu, humilde peregrino que regressa à sua gente. Eu, que volto luminoso às horas,

ao dia rotineiro, à dor do homem, à sua simples alegria. Eu, que dou das minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e a saudação fraterna, canto ao coração que do abismo escuro renasce à luz do ansiado Sentido”.

Silo
Punta de Vacas, 05/05/2007